

admittam uma solução em que a densidade da matéria era uniforme, suas velocidades no tempo mudas, curvando-se no espaço. Einstein não obstante o rigor do seu espcialismo geométrico, Einstein equívoco-se, mas talvez ao pensar que para valores positivos de A não existem soluções de anterior expansão no espaço vasto ou seja para T > 0. Pensadamente, mediante estas duas equações, ter incorporado o princípio de Mach na sua teoria. Com efeito, o que se quer, seria uma consequência directa do princípio da relatividade da inércia, o qual de facto não poder existir, indício algum, na total ausência da matéria.

À concepção einsteiniana se objectou, com o tempo, que com ela se contradiziam para o Universo, as noções de espaço e tempo absolutos. Porém, a esta objecção responderam A. S. Eddington que a relatividade não nega a realidade de um tempo absoluto, dado que este se não pode deduzir de um dado experimental conhecido e que não nos devemos descontentar por ver responder tal posição na teoria dos fenómenos à escala cósmica, sobre a qual nada há na maioria de dados experimentais.

Eddington continua a sua observação referindo que assim como cada observador limitado tem a sua própria distinção particular de espaço e tempo, um ser coexistente no Universo inteiro poderia ter também uma distinção especial de espaço e tempo que lhe fosse própria; para este tempo não haveria dilatação, em chamado de "absoluto".

Contudo, outro inconveniente se objectou ao Universo de Einstein e desta vez foi o próprio Eddington que o propôs, o qual resultava da relação anteriormente considerada entre o tempo e a densidade, sendo o período do Universo instável à menor perturbação, devido a uma contracção ou dilatação indesejáveis. Dado que se estabelecesse a seguinte relação, não é possível considerar tal modelo como representativo do Universo físico e homogéneo, tomando a média estatística das observações sobre a distribuição da matéria.

Apesar das múltiplas e variadas objecções, bem como das mais recentes modelos cosmológicos, apertecionados pelas medições astronómicas, cabe-nos lembrar uma homenagem pelo que constitui de progresso e inovação no domínio da Cosmologia Científica, as «Kosmologische Betrachtungen».

A esta vez, considero a presença do Prof. Doutor Cândido dos Santos como um bom augúrio desta relação interdisciplinar e insisto na escrita da obra que ele tem desenvolvido, e que vem publicada neste número da Revista, sob o título de «Kosmologische Betrachtungen».

CRÓNICA

Tem vindo a constituir-se o Prof. Doutor Cândido dos Santos, o Doutor Ilustre Coadjuvante de Aveiro, para o curso de Teologia, e o seu antigo colega para o curso de Filosofia.

A ABERTURA DAS AULAS

NO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TEOLÓGICAS

Em Conselho de Faculdades, foram eleitos como seu Presidente e Secretário, respectivamente, os Drs. Manuel Pereira e Dr. António Maria Rosa Leão e o Dr. António Maria Rosa Leão.

A abertura das aulas do I. C. H. T. realizou-se no dia 6 de Outubro de 1982, como de costume, em ambiente familiar, com a Assembleia Conjunta e uma solene Concelebração Eucarística.

A Assembleia Conjunta reúne, sob a presidência do Director, os professores, alunos e funcionários para desenvolver o espírito comunitário, promovendo o encontro e a colaboração de todos e alargando os espaços do diálogo e de informação. Como convidados especiais, assistiram também o Senhor D. António Baltasar Marcelino, Bispo Coadjuvante de Aveiro, e o Prof. Doutor Cândido dos Santos, Director da Faculdade de Letras do Porto.

Abriu a sessão o Director que começou por saudar os presentes e lembrar os que tinham terminado os seus estudos, com uma especial referência aos que foram ordenados presbíteros ou diáconos. Informou depois sobre as alterações introduzidas nos programas e exortou a todos a que se entregassem com entusiasmo ao trabalho, nos domínios do ensino participado e da investigação.

Referindo-se à visita do Santo Padre a Portugal, comentou algumas das suas palavras dirigidas, na Universidade Católica, ao professor de ciências sagradas, que não pode ser «um simples transmissor de ciência» mas deve ser «um educador de vida cristã»; no seu trabalho tem «um espaço de autonomia científica e caminhos de legítima liberdade... mas todos esses caminhos passam pela fé, que actua pela caridade, em obediência à verdade». (*Discursos do Papa João Paulo II em Portugal*, Edição da C. E. P., págs. 134-135). Lembrou a mensagem aos seminaristas, em Fátima, destacando a que o Santo Padre apresentou como uma frase feita: «há três muitos que recompensam outros três: muito estudo, muita ciência; muita reflexão, muita sabedoria; muita virtude, muita paz», (*Discursos...* pág. 97).

Antes de fazer a apresentação do conferencista convidado, o Director considerou a pastoral da cultura como um dos objectivos do I. C. H. T. e, a propósito, citou a Mensagem aos intelectuais do Santo Padre, na Universidade de Coimbra: «...na visão da Igreja, a cultura não é algo que permaneça estranho à fé, mas desta pode receber profundos e benéficos influxos. Todavia é necessário não considerar a relação da cultura com a fé puramente passiva. A cultura não é só sujeito de redenção e de elevação; mas pode ter também um papel de mediação e de colaboração» (*Discursos...* págs. 165-166). O trabalho teológico tem de assentar cada vez mais no diálogo entre a fé e a cultura, e postula o intercâmbio com os centros de ciências humanas, filosóficas, antropológicas, sociológicas, biológicas...

A esta luz, considerou a presença do Prof. Doutor Cândido dos Santos como um bom augúrio desta relação interdisciplinar e justificou a escolha do tema que ele iria desenvolver, e que vem publicado neste número da Revista, *Pombal e o Iluminismo*, pela passagem do bicentenário da morte do Marquês de Pombal, «uma das figuras mais controversas da história portuguesa mas que a marcou profundamente.

Terminada a conferência do Prof. Doutor Cândido dos Santos, o Senhor Bispo Coadjutor de Aveiro, instado, tomou a palavra para manifestar o seu apreço pela participação naquela Assembleia.

Dentro do princípio da cooperação orgânica e representativa que preside à ordenação e andamento da vida comum do I. C. H. T., de acordo com o seu Estatuto Geral, os professores e alunos separaram-se, depois, para proceder às eleições para os diversos órgãos de governo ou de representação previstos.

Em Conselho de Professores, foram eleitos como seu Presidente e Secretário, respectivamente, os Dr. Manuel de Pinho Ferreira e Dr. António Maria Bessa Taipa e como Directores do Ciclo Propedêutico, do Ciclo Geral e do Ciclo Pastoral, respectivamente, os Dr. António Augusto de Sousa Marques, Dr. Arnaldo Cardoso de Pinho e Dr. Geraldo Coelho Dias.

Os Directores de Ciclo foram depois mandatados pela Comissão Permanente para fazerem parte, como representantes dos professores, da Comissão Directiva, juntamente com o Director, Dr. José António Godinho de Lima, e com os representantes dos alunos, António Diogo Martins, da Diocese de Vila Real, Nuno Higinio Pereira Teixeira da Cunha, da Diocese do Porto, e Filipe Manuel da Silva Coelho, da Diocese de Aveiro, nomeados pela Comissão Permanente dentre os candidatos propostos pelos Seminários e Residências das Dioceses e Institutos Religiosos, membros ordinários.

Entretanto os alunos escolhiam para fazer parte do Conselho de Alunos, como delegados de Ciclo, Mário Joaquim Rodrigues Barros Coutinho, da Diocese do Porto (Propedêutico), Nuno Higinio Pereira Teixeira da Cunha, da Diocese do Porto (Geral), Júlio Machado Loureiro, dos Capuchinhos (Pastoral) e como delegados de Curso, Anastácio Jorge Martins da Rocha, da Sociedade Missionária Portuguesa (1.º ano), Domingos Alexandre Soares Magalhães, dos Carmelitas (2.º ano), Jorge Manuel Madureira Soares, da Diocese do Porto (3.º ano), Luís Manuel Antunes Alves, da Diocese de Portalegre (4.º ano), Fernando Silva de Matos, da Diocese de Vila Real (5.º ano), José Manuel Duarte dos Ramos, da Diocese de Portalegre (6.º ano). Estes escolheram para seus Presidente e Secretário, respectivamente, José Manuel Duarte dos Ramos e Nuno Higinio Pereira Teixeira da Cunha.

Finalmente, o Senhor Arcebispo-Bispo do Porto presidiu a uma solene Concelebração Eucarística, em que participaram o Senhor Bispo Coadjutor de Aveiro, o Senhor Dom Abade de Singeverga, D. Lourenço Moreira da Silva, Professores e Superiores das Residências.

À homilia, o Senhor Arcebispo, depois de caracterizar a sociedade contemporânea como «uma sociedade sem Deus», citando o Cardeal Suhard, e de deduzir algumas «evidências» do fenómeno do ateísmo, justificou aquela celebração inaugural, dizendo: «A nossa presença é acto de fé, acção de graças, louvor e oração ao Espírito Santo, para que o Instituto continue a ser elemento estrutural da formação das ciências humanas, teológicas e cristãs para as comunidades que serve, ao nível dos seus compromissos e na fidelidade às intenções dos seus fundadores; que continue a ser espaço de convergência e crescimento das várias Igrejas Particulares e Institutos Religiosos, onde, com o

dinamismo específico, se desenvolva o dinamismo da fé que leva à conversão do homem para Deus, em Jesus Cristo, para os outros homens e para o mundo».

Lembrou depois a natureza e os objectivos do I. C. H. T., como vêm definidos no seu Estatuto Geral, e os membros que o compõem, e acrescentou: «Todos queremos que o I. C. H. T., com a colaboração de quantos nele têm responsabilidades de intervenção, especialmente os seus fundadores, se desenvolva aos níveis desejados, como resposta da Igreja às necessidades do hoje histórico das comunidades cristãs, nas áreas atribuídas. Depende da vontade efectiva de quem participa nas responsabilidades da sua condução e do ambiente que lhe perceberem os alunos.

A Diocese do Porto, na parte que lhe cabe e assumindo a situação natural de mais encarregada, por via das instalações do I. C. H. T. na sua área físico-humana, está disponível para ajudar a resolver problemas que surjam, nem sempre fáceis, como, aliás, tem feito. E não se arrepende de o fazer, antes poderão ser consideradas novas circunstâncias que levem a novas propostas, se assim o tiverem por bem os restantes membros».

No capítulo da actualização teológico-pastoral, sugeriu que «se poderia aclarar melhor e tonificar mais na programação do Instituto, a pastoral-litúrgica que englobe de maneira mais assumida e existencial, segundo os desejos conciliares, a Liturgia, a Música, a Arte Sacra e a Pastoral». E justificou: «A realidade das nossas Igrejas e o empenho de renovação conciliar com que temos de as pastorear, postula que, a nível do Instituto, haja a melhor resposta possível, para mais definida intervenção na renovação das comunidades, o que passa pela renovação daqueles que ensinam e aprendem no I. C. H. T.».

J. Godinho de Lima